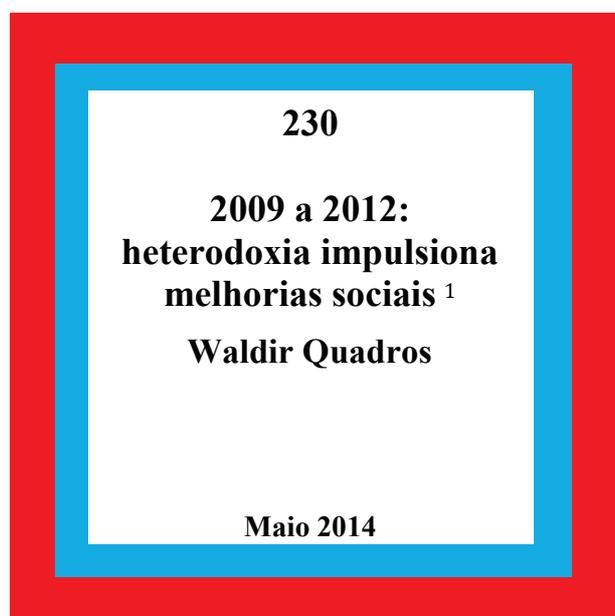


 **Texto**
para discussão



Instituto de Economia
UNICAMP 

2009 a 2012: heterodoxia impulsiona melhorias sociais ¹

Waldir Quadros *

1 Apresentação

Em artigo anterior procuramos demonstrar que o enfrentamento da crise econômica de 2008 com medidas heterodoxas livrou a sociedade brasileira de impactos mais sérios na estrutura social².

Agora, com a divulgação dos dados da PNAD – Pesquisa nacional por amostra de domicílios (IBGE) - de 2012, constata-se que continuou operando uma dinâmica social mais favorável. E os indicadores mais recentes da evolução do emprego, desemprego e rendimentos médios sugerem que este desempenho permanece em vigor.

Na verdade, as informações disponíveis indicam que as melhorias que vinham se manifestando desde o início da década anterior ganham ainda mais celeridade. E isso, curiosamente, em um período de crescimento mais baixo.

A reativação da economia centrada no estímulo ao consumo familiar foi capaz de afastar a recessão em 2008. Entretanto, esta mesma estratégia, acompanhada de várias medidas de defesa da produção interna e da redução na taxa básica de juros, não logrou reverter a desaceleração do crescimento após 2010.

Assim sendo, nos parece plausível atribuir a continuidade das melhorias sociais, em grande medida, à recusa do Governo Federal em adotar o receituário ortodoxo na orientação da política econômica e social. Ou seja, o não acatamento das fortes pressões para impor “austeridade”, “disciplinar o mercado de trabalho” etc., protegeu a sociedade e preservou conquistas recentes. Justamente o contrário do que se passa com os países europeus.

Para dar a devida dimensão desta postura, é bom anotar que uma leitura atenta das notícias e rumores sugere que as pressões não vieram apenas de agentes externos ou periféricos ao núcleo central do comando político do governo federal.

(1) Uma versão sintética e resumida deste texto foi publicada com o título “No Brasil, avanços, apesar dos pesares” na revista *Carta Capital*, São Paulo, Editora Confiança, n. 784, p. 40-41, 22 jan. 2014.

(*) Professor Colaborador do Cesit/IE-Unicamp e Professor da Facamp – Faculdades de Campinas.

² Cf. Quadros, W. *Em 2009 a heterodoxia afastou a crise social*. Campinas: Unicamp. IE, mar. 2011. (Texto para Discussão, n. 189). Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/index.php/textos>.

Por sua vez, para avaliarmos o porte dos obstáculos para se adotar esta mesma atitude no enfrentamento dos problemas estruturais, é importante destacar que ainda permanecem sem equacionamento satisfatório os sérios desafios da reindustrialização, desenvolvimento dos serviços conexos e inovação tecnológica, que têm como pressuposto uma adequada política de câmbio e juros.

Cabe mencionar, entretanto, que ao lado das resistências dos interesses contemplados no caminho “natural” da desindustrialização com juros elevados e câmbio valorizado, também operam as dificuldades do Governo Federal em definir e implementar projetos estratégicos que embasem um caminho alternativo de desenvolvimento.

Dificuldades estas igualmente presentes na inadiável recuperação (ou total reconstrução?) do sistema educacional que, além dos recursos financeiros adicionais potencialmente assegurados pelo Pré-sal, requer profunda reforma administrativa e organizacional. E ainda das áreas da saúde, segurança, saneamento, habitação, transporte, mobilidade urbana, agricultura familiar etc.

2 Uma visão panorâmica das oportunidades ocupacionais

Para o exame da evolução das oportunidades ocupacionais, os indivíduos ocupados são estratificados socialmente. Em poucas palavras, esta estratificação lança mão da estrutura ocupacional e dos rendimentos declarados na PNAD, inicialmente definindo três “padrões de vida” para a classe média com base nos rendimentos de algumas ocupações típicas³.

O “padrão de vida” de Alta Classe Média é aquele que toma como referência os profissionais de nível superior, micros empresários, dirigentes etc.; na Média Classe Média, os técnicos de nível médio, supervisores, professores do nível médio, etc.; e, na Baixa Classe Média, os auxiliares de escritório, professores do nível fundamental, balconistas, auxiliares de enfermagem etc.

Em seguida, estabeleceu-se que o recorte para os Miseráveis é o valor real do Salário Mínimo de janeiro de 2004 (arredondado para R\$ 250)⁴. Por fim, a Massa Trabalhadora (pobres) situa-se entre a Baixa Classe Média e os Miseráveis.

No quadro abaixo são apresentadas as linhas de corte adotadas, com os valores a preços de janeiro de 2004 (múltiplos do salário mínimo) e atualizados para outubro de 2012.

(3) A metodologia completa da estratificação adotada por nós pode ser consultada em www.eco.unicamp.br, na série Textos para Discussão, cf. Quadros, W. – “A Evolução da Estrutura Social Brasileira - Notas Metodológicas”, TD nº 147, Campinas, outubro de 2008.

(4) Em janeiro de 2004 o valor nominal do salário mínimo era de R\$ 240.

Linhas de Corte para a Estratificação

“Padrões de Vida”	R\$ a preços de 01/2004	R\$ a preços de 10/2012
Alta classe média	Acima de R\$ 2.500	Acima de R\$ 3.926
Média classe média	De R\$ 1.250 a R\$ 2.500	De R\$ 1.963 a R\$ 3.926
Baixa classe média	De R\$ 500 a R\$ 1.250	De R\$ 785 a R\$ 1.963
Massa trabalhadora	De R\$ 250 a R\$ 500	De R\$ 393 a R\$ 785
Miseráveis	Até R\$ 250	Até R\$ 393

As Tabelas 1.a e 1.b apresentam a estratificação social dos indivíduos ocupados no Brasil, respectivamente em % e em números absolutos.

Para facilitar nossa exposição vamos dispensar comentários mais detalhados sobre estas tabelas e ir direto para a Tabela 2, com a evolução da estrutura social dos ocupados no período de 2003 a 2008, e para a Tabela 3, que cobre o período de 2009 a 2012.

Tabela 1.a
Brasil: Estratificação Social dos Ocupados (em %)

“Padrão de vida”	2002	2008	2009	2011	2012
Alta Classe Média	5,0	5,3	5,5	6,0	6,8
Média Classe Media	8,3	9,6	9,9	11,1	12,6
Baixa Classe Média	24,3	31,7	33,8	38,8	41,3
Massa Trabalhadora	29,1	35,3	33,3	30,6	27,6
Miseráveis	33,4	18,1	17,5	13,4	11,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 1.b
Brasil: Estratificação Social dos Ocupados
(mil indivíduos)

“Padrão de vida”	2002	2008	2009	2011	2012
Alta Classe Média	3.764	4.724	4.878	5.475	6.279
Média Classe Media	6.249	8.462	8.887	10.054	11.580
Baixa Classe Média	18.300	28.049	30.155	35.224	37.947
Massa Trabalhadora	21.910	31.312	29.744	27.769	25.303
Miseráveis	25.147	16.055	15.673	12.192	10.665
Total	75.370	88.602	89.337	90.715	91.775

Tabela 2
Brasil: Evolução dos ocupados no período de 2003 a 2008

“Padrão de vida”	2008-2002	Média anual	2008/2002	
	Nº (mil)	Nº (mil)	%	% a.a.
Alta Classe Média	960	160	25,5	3,9
Média Classe Média	2.213	369	35,4	5,2
Baixa Classe Média	9.749	1.625	53,3	7,4
Massa Trabalhadora	9.401	1.567	42,9	6,1
Miseráveis	- 9.092	- 1.515	- 36,2	- 7,2
Total	13.232	2.205	17,6	2,7

Tabela 3
Brasil: Evolução dos ocupados no período de 2009 a 2012

“Padrão de vida”	2012-2008	Média anual	2012/2008	
	Nº (mil)	Nº (mil)	%	% a.a.
Alta Classe Média	1.555	389	32,9	7,4
Média Classe Média	3.118	779	36,8	8,2
Baixa Classe Média	9.898	2.475	35,3	7,8
Massa Trabalhadora	- 6.008	- 1.502	- 19,2	- 5,2
Miseráveis	- 5.390	- 1.348	- 33,6	- 9,7
Total	3.173	793	3,6	0,9

Como se observa na última coluna das Tabelas 2 e 3, apesar da ocupação ter crescido a um ritmo mais fraco no período de 2009 a 2012 (0,9% ao ano contra 2,7% de 2003 a 2008), o desempenho destes últimos anos é melhor do que no período anterior.

Em primeiro lugar, a redução da camada de Miseráveis, que já havia sido tão expressiva de 2003 a 2008, agora é ainda mais intensa.

Em segundo, a Massa Trabalhadora (pobres) que no primeiro período havia se expandido por força da ascensão dos Miseráveis a esta camada, cai em termos relativos (e absolutos) de 2009 a 2012, apontando a ascensão de parcela expressiva provavelmente para a Baixa Classe Média.

Estes dois comportamentos indicam a enorme mobilidade social que continuou ocorrendo, e se intensificou, entre as pessoas ocupadas das camadas populares. Sem dúvida os impulsos cumulativos das melhorias anteriores ajudam a explicar esta dinâmica.

Por fim, outra grande e importante distinção do período de 2009 a 2012 é que a expansão relativa da Baixa Classe Média (7,8% a.a.) é ultrapassada pela da Média (8,2%) e praticamente igualada pela da Alta Classe Média (7,4%), indicando que o dinamismo ganhou novo ritmo também nas duas camadas melhor situadas.

Reforçando o argumento, em quatro anos o crescimento absoluto destas duas camadas melhor situadas (4.673 mil) supera aquele verificado nos seis anos de 2003 a 2008 (3.173 mil). Por outro lado, no primeiro período esta expansão equivale a um terço do verificado na baixa classe média (9.749 mil) e, no período mais recente, avança para quase a metade dos 9.898 mil.

3 A evolução do desemprego

Se este foi o comportamento da ocupação, o desemprego também evolui favoravelmente após a superação da crise de 2008 e cai em termos absolutos e relativos, como se observa na Tabela 4.

Tabela 4
Brasil: Evolução dos desocupados

Discriminação	2002	2008	2009	2012
Desocupados (mil) ⁵	10.015	8.798	10.108	7.508
Ocupados (mil)	75.370	88.602	89.337	91.775
PEA (mil)	85.385	97.400	99.445	99.283
% desocupados/PEA	11,7	9,0	10,2	7,6

Um aspecto muito importante é a redução da PEA no período recente, indicando uma menor pressão no mercado de trabalho que merece futuros estudos que a qualifiquem melhor.

De qualquer forma, como veremos mais à frente, esta retração se manifesta nas faixas etárias mais jovens (de 10 a 29 anos), com quedas tanto no desemprego quanto no emprego. Para além da dinâmica do mercado de trabalho e da renda familiar também estão presentes fatores demográficos, uma vez que a população igualmente se retrai nestas mesmas faixas etárias.

Merece registro a grande confusão gerada em torno da recente divulgação da nova metodologia de medição do emprego adotada pelo IBGE na trimestral PNAD Contínua, que ampliou a amostra do inquérito domiciliar anteriormente efetuado pela Pesquisa Mensal de Emprego – PME, de âmbito metropolitano (seis das RMs).

É óbvio que a inclusão de um número maior de cidades (3.500), regiões e domicílios não permite nenhuma comparação direta entre os resultados destas duas pesquisas, mas foi o que ocorreu de forma recorrente em grande parte dos meios de comunicação logo que os resultados foram tornados públicos, sempre enfatizando a elevação da nova medida do desemprego.

(5) Considerando-se o tempo de procura de emprego em dois meses.

Implícita ou explicitamente muitos comentaristas sugeriram que a situação seria muito pior do que aquela que os órgãos oficiais vinham “alardeando”, revelando, no mínimo, desconhecimento elementar das técnicas estatísticas.

Na verdade o que interessa é a análise da evolução dos indicadores, que apenas será viável quando existir uma série mais longa da nova medição. De todo modo, na nova Pnad Contínua a taxa de desemprego do 2º trimestre de 2013 (7,5%) ficou abaixo da verificada no trimestre imediatamente anterior (8,0%) e praticamente igualou a do 2º trimestre de 2012 (7,4%).

E quando se compara as curvas dos dois indicadores o comportamento é muito parecido, ao menos no curto período coberto pela série temporal a partir do 1º trimestre de 2012.

4 Geração de oportunidades ocupacionais por setor de atividade econômica

Em termos globais, ou seja, sem estratificar os indivíduos ocupados, no período de 2009 a 2012 foram geradas 3.173 mil oportunidades ocupacionais, abrangendo as situações de trabalho assalariado com e sem carteira de trabalho, trabalho autônomo, proprietários empregadores e por conta própria, autoconsumo, autoconstrução e trabalho não remunerado.

Como é apresentado na Tabela 5, um grupo de atividades foi responsável pela criação de seis milhões de postos e outro pela destruição de 2,8 milhões.

Tabela 5
Brasil: Evolução Setorial dos ocupados no período de 2009 a 2012

Atividades econômicas	2012-2008*
Atividades agrícolas	-1.790
Indústria de transformação	-759
Serviços domésticos	-193
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	-25
Outras atividades industriais	-10
Construção civil	1.380
Alojamento e alimentação	959
Comércio e reparação	855
Outras atividades e atividades mal definidas	724
Transporte, armazenagem e comunicação	685
Administração pública	667
Educação, saúde e serviços sociais	598
Setor financeiro	82
Total de Ocupados	3.173

* mil ocupados.

A seguir vamos examinar a evolução de cada uma destas atividades no período de 2009 a 2012, introduzindo a estratificação social dos ocupados.

Começando pelas Atividades Agrícolas, verifica-se na Tabela 6 que, numa época de extraordinário avanço no agronegócio, a redução de postos de trabalho localizou-se entre os Miseráveis e a Massa Trabalhadora pobre, com razoável expansão da Baixa Classe Média.

Tradicionalmente esta retração torna mais precária a condição dos egressos e provoca pressões desfavoráveis na base da pirâmide ocupacional urbana. Entretanto, já observamos anteriormente a melhora no perfil social dos ocupados e, também, que o desemprego não avançou.

Assim sendo, a redução entre os ocupados pior situados nas atividades agrícolas ocorre num momento de elevado dinamismo do mercado de trabalho urbano, com significativos avanços nas camadas populares que configuram um cenário potencialmente menos adverso aos recém chegados.

Tabela 6
Brasil: Evolução dos ocupados nas Atividades Agrícolas

Atividades Agrícolas	2012-2008*
Alta Classe Média	34
Média Classe Média	93
Baixa Classe Média	376
Massa Trabalhadora	-757
Miseráveis	-1.536
Total	-1.790

* mil ocupados.

Como se observa na Tabela 7, a Indústria de Transformação também apresenta significativa retração no número de ocupados, só que num quadro de dificuldades estruturais provocadas pelo cambio valorizado, que impõe condições extremamente desfavoráveis diante da concorrência externa. De fato, há tempos que boa parte da demanda interna é atendida por importações.

Ao mesmo tempo, o perfil dos ocupados melhorou: retração entre os Miseráveis e, sobretudo, na Massa Trabalhadora pobre e expressiva expansão da Baixa e Média Classe Média. Tal desempenho sugere que, em condições mais favoráveis advindas de um processo virtuoso de reindustrialização, este setor poderia apresentar significativo dinamismo nos postos de trabalho melhor situados. Além dos efeitos dinâmicos nas atividades prestadoras de serviços à indústria.

Tabela 7
Brasil: Evolução dos ocupados na Indústria de Transformação

Indústria de Transformação	2012-2008*
Alta Classe Média	72
Média Classe Média	269
Baixa Classe Média	1.262
Massa Trabalhadora	-1.706
Miseráveis	-657
Total	-759

* mil ocupados.

A redução do número de ocupados nos Serviços Domésticos apontada pela Tabela 8 também indica melhores oportunidades no mercado de trabalho, já que nesta atividade em geral as condições são bastante precárias.

Ao mesmo tempo, quem permanece na atividade vem melhorando de situação, já que ocorre significativa redução daqueles que se encontram na condição de Miseráveis e Massa Trabalhadora pobre, com expressiva expansão da baixa classe média.

Tabela 8
Brasil: Evolução dos ocupados nos Serviços Domésticos

Serviços Domésticos	2012-2008*
Alta Classe Média	0
Média Classe Média	53
Baixa Classe Média	909
Massa Trabalhadora	-236
Miseráveis	-918
Total	-193

* mil ocupados.

A Tabela 9 revela que no agregado Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais o contingente de ocupados praticamente manteve-se inalterado, porém melhora o perfil da sua estrutura social, reduzindo os Miseráveis e pobres e crescendo os estratos melhor situados.

Tabela 9
Brasil: Evolução dos ocupados nos Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais

Outros Serviços Coletivos, Sociais e Pessoais	2012-2008*
Alta Classe Média	55
Média Classe Média	106
Baixa Classe Média	241
Massa Trabalhadora	-135
Miseráveis	-292
Total	-25

* mil ocupados.

Passando para as atividades que criaram postos de trabalho, o destaque fica com a Construção Civil, que viveu um período de enorme expansão tanto no setor pesado como no residencial.

Como se observa na Tabela 10, o crescimento no número de ocupados é acompanhado pela melhora da estrutura social, com redução nos estratos inferiores e avanço dos melhor situados, com destaque para a Baixa e Média Classe Média.

Tabela 10
Brasil: Evolução dos ocupados na Construção Civil

Construção Civil	2012-2008*
Alta Classe Média	83
Média Classe Média	546
Baixa Classe Média	1.673
Massa Trabalhadora	-543
Miseráveis	-379
Total	1.380

* mil ocupados.

Em linhas gerais este padrão de melhora se reproduz nas demais atividades, com algumas particularidades a seguir anotadas.

Na Tabela 12 observa-se o destacado dinamismo do Comércio e Reparação, tanto no que se refere à geração de oportunidades com padrão de Média como de Alta Classe Média.

Da mesma forma, verifica-se na Tabela 13 a relevância do agregado Outras Atividades e Atividades mal Definidas na expansão da Alta Classe Média, particularmente devido à inclusão entre as Outras Atividades dos serviços prestados a empresas.

Perfis semelhantes são apontados nas Tabelas 15 e 16, respectivamente com a evolução da Administração Pública e do agregado Educação, Saúde e Serviços Sociais.

Tabela 11
Brasil: Evolução dos ocupados em Alojamento e Alimentação

Alojamento e Alimentação	2012-2008*
Alta Classe Média	67
Média Classe Média	170
Baixa Classe Média	840
Massa Trabalhadora	40
Miseráveis	-157
Total	959

* mil ocupados.

Tabela 12
Brasil: Evolução dos ocupados no Comércio e Reparação

Comércio e Reparação	2012-2008*
Alta Classe Média	182
Média Classe Média	535
Baixa Classe Média	1.871
Massa Trabalhadora	-964
Miseráveis	-768
Total	855

* mil ocupados.

Tabela 13
Brasil: Evolução dos ocupados nas Outras Atividades e Atividades mal Definidas

Outras atividades e ativ. Mal definidas	2012-2008*
Alta Classe Média	372
Média Classe Média	334
Baixa Classe Média	922
Massa Trabalhadora	-549
Miseráveis	-355
Total	724

* mil ocupados.

Tabela 14
Brasil: Evolução dos ocupados no Transporte, Armazenagem e Comunicação

Transporte, armazenagem e comunicação	2012-2008*
Alta Classe Média	125
Média Classe Média	264
Baixa Classe Média	690
Massa Trabalhadora	-282
Miseráveis	-112
Total	685

* mil ocupados.

Tabela 15
Brasil: Evolução dos ocupados na Administração Pública

Administração Pública	2012-2008*
Alta Classe Média	248
Média Classe Média	196
Baixa Classe Média	304
Massa Trabalhadora	-48
Miseráveis	-33
Total	667

* mil ocupados.

Tabela 16
Brasil: Evolução dos ocupados na Educação, Saúde e Serviços Sociais

Educação, saúde e serviços sociais	2012-2008*
Alta Classe Média	234
Média Classe Média	505
Baixa Classe Média	770
Massa Trabalhadora	-731
Miseráveis	-180
Total	598

* mil ocupados.

Por fim, a Tabela 17 aponta a reduzida participação do Setor Financeiro na geração de oportunidades ocupacionais, em que pese suas condições particularmente favoráveis de rentabilidade, diversificação e expansão.

Tabela 17
Brasil: Evolução dos ocupados no Setor Financeiro

Setor Financeiro	2012-2008*
Alta Classe Média	61
Média Classe Média	75
Baixa Classe Média	-1
Massa Trabalhadora	-50
Miseráveis	-3
Total	82

* mil ocupados.

Outra forma interessante de analisar estes dados é aquela em que é apresentado o comportamento das diversas atividades econômicas no que diz respeito à evolução de cada estrato social, como se procede a seguir.

Observa-se na Tabela 18 as contribuições para a redução de 5,4 milhões de ocupados na condição de Miseráveis, destacando-se as Atividades Agrícolas (-1,5 milhão), Serviços Domésticos (-918 mil), Comércio e Reparação (-768 mil), Indústria de Transformação (-657 mil), Construção Civil (-379 mil) Outras Atividades e Atividades mal Definidas (-355 mil) e Outros Serviços Sociais e Pessoais (-292 mil).

Tabela 18
Brasil – Evolução Setorial dos Miseráveis

Miseráveis	2012-2008*
Atividades agrícolas	-1.536
Serviços domésticos	-918
Comércio e reparação	-768
Indústria de transformação	-657
Construção civil	-379
Outras atividades e atividades mal definidas	-355
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais.	-292
Educação, saúde e serviços sociais.	-180
Alojamento e alimentação	-157
Transporte, armazenagem e comunicação.	-112
Administração pública	-33
Outras atividades industriais	-24
Setor financeiro	-3
Total	-5.390

* mil ocupados.

Tabela 19
Brasil – Evolução Setorial da Massa Trabalhadora

Massa Trabalhadora	2012-2008*
Indústria de transformação	-1.706
Comércio e reparação	-964
Atividades agrícolas	-757
Educação, saúde e serviços sociais	-731
Outras atividades e atividades mal definidas	-549
Construção civil	-543
Transporte, armazenagem e comunicação	-282
Serviços domésticos	-236
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	-135
Outras atividades industriais	-62
Setor financeiro	-50
Administração pública	-48
Alojamento e alimentação	40
Total	-6.008

* mil ocupados.

Da mesma forma, a Tabela 19 acima indica que na redução de seis milhões da Massa Trabalhadora (pobre) sobressaem-se a Indústria de Transformação (-1,7 milhão), Comércio e Reparação (-964 mil), Atividades Agrícolas (-757 mil), Educação, Saúde e Serviços Sociais (-731 mil), Outras Atividades e Atividades Mal Definidas (-549 mil) e Construção Civil (-543 mil).

Como já foi dito anteriormente, a melhora na estrutura social que resultou desta significativa redução dos ocupados que possuíam um padrão de vida de miseráveis e pobres representou expressiva mobilidade social ascendente e impactou fortemente na expansão da Baixa Classe Média.

A Tabela 20 revela que, para o crescimento de 9,9 milhões de ocupados neste padrão de vida, as maiores contribuições vieram do Comércio e Reparação (1,9 milhão), Construção Civil (1,7 milhão), Indústria de Transformação (1,3 milhão), Outras Atividades e Atividades Mal Definidas (922 mil), Serviços Domésticos (909 mil), Alojamento e Alimentação (840 mil), Educação, Saúde e Serviços Sociais (770 mil) e Transporte, Armazenagem e Comunicação (690 milhão).

Verifica-se na Tabela 21 que para a expansão de 3,1 milhões na Média Classe Média os destaques ficam com Construção Civil (546 mil), Comércio e Reparação (535 mil), Educação, Saúde e Serviços Sociais (505 mil), Outras Atividades e Atividades Mal Definidas (334 mil), Indústria de Transformação (269 mil), Transporte, Armazenagem e Comunicação (264 mil), Administração Pública (196 mil) e Alojamento e Alimentação (170 mil).

Tabela 20
Brasil – Evolução Setorial da Baixa Classe Média

Baixa Classe Média	2012-2008*
Comércio e reparação	1.871
Construção civil	1.673
Indústria de transformação	1.262
Outras atividades e atividades mal definidas	922
Serviços domésticos	909
Alojamento e alimentação	840
Educação, saúde e serviços sociais	770
Transporte, armazenagem e comunicação	690
Atividades agrícolas	376
Administração pública	304
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	241
Outras atividades industriais	52
Setor financeiro	-1
Total	9.898

* mil ocupados.

Tabela 21
Brasil – Evolução Setorial da Média Classe Média

Média Classe Média	2012-2008*
Construção civil	546
Comércio e reparação	535
Educação, saúde e serviços sociais	505
Outras atividades e atividades mal definidas	334
Indústria de transformação	269
Transporte, armazenagem e comunicação	264
Administração pública	196
Alojamento e alimentação	170
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	106
Atividades agrícolas	93
Setor financeiro	75
Serviços domésticos	53
Outras atividades industriais	-12
Total	3.118

* mil ocupados.

Por fim, a Tabela 22 indica que no crescimento de 1,6 milhão de postos com padrão de vida de Alta Classe Média as maiores contribuições vieram das Outras Atividades e Atividades Mal Definidas (372 mil), Administração Pública (248 mil), Educação, Saúde e Serviços Sociais (234 mil), Comércio e Reparação (182 mil) e Transporte, Armazenagem e Comunicação (125 mil).

Tabela 22
Brasil – Evolução Setorial da Alta Classe Média

Alta classe média	2012-2008*
Outras atividades e atividades mal definidas	372
Administração pública	248
Educação, saúde e serviços sociais	234
Comércio e reparação	182
Transporte, armazenagem e comunicação	125
Construção civil	83
Indústria de transformação	72
Alojamento e alimentação	67
Setor financeiro	61
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	55
Outras atividades industriais	36
Atividades agrícolas	34
Serviços domésticos	0
Total	1.555

* mil ocupados.

5 Uma visão panorâmica da estratificação social da população⁶

Após a descrição do comportamento das oportunidades ocupacionais individuais (agregadas e setoriais), apresenta-se agora um quadro sintético da evolução da estrutura social abrangendo o conjunto da população.

Os dados desta evolução encontram-se nas Tabelas 23, 24 e 25.

(6) A estratificação da população é obtida a partir da estratificação das famílias (todos os membros), em que estas são classificadas nos distintos “padrões de vida” com base na posição do membro melhor situado.

Tabela 23
Brasil: Estratificação Social da População – (em %)

“Padrão de vida”	2002	2008	2009	2011	2012
Alta Classe Média	7,0	7,5	7,6	7,9	8,9
Média Classe Média	11,0	12,9	13,0	14,0	15,6
Baixa Classe Média	29,3	36,9	38,7	42,0	43,0
Massa Trabalhadora	28,6	32,9	30,9	27,8	25,1
Miseráveis	24,1	9,8	9,8	8,3	7,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 24
Brasil: Evolução da População no período de 2003 a 2008 ⁽¹⁾

“Padrão de vida”	2008-2002	Média anual	2008/2002	
	Nº (mil)	Nº (mil)	%	% a.a.
Alta Classe Média	1.771	295	14,6	2,3
Média Classe Média	4.893	816	25,7	3,9
Baixa Classe Média	18.015	3.003	35,5	5,2
Massa Trabalhadora	11.673	1.945	23,5	3,6
Miseráveis	- 23.622	- 3.937	- 56,6	- 13,0
Total	12.729	2.122	7,3	1,19

(1) Para efeito de compatibilização não foi incluído o Norte rural, que passou a ser contemplado pela PNAD a partir de 2005.

Tabela 25
Brasil: Evolução da População no período de 2009 a 2012

“Padrão de vida”	2012-2008	Média anual	2012/2008	
	Nº (mil)	Nº (mil)	%	% a.a.
Alta Classe Média	3.199	800	23,0	5,3
Média Classe Média	6.175	1.544	25,8	5,9
Baixa Classe Média	14.329	3.582	20,9	4,9
Massa Trabalhadora	- 12.804	- 3.201	- 20,9	- 5,7
Miseráveis	- 3.805	- 951	- 21,0	- 5,7
Total	7.095	1.774	3,8	0,94

Com um comportamento bastante parecido com aquele dos ocupados, observa-se com base nas Tabelas 24 e 25 que no período mais recente a melhora na estrutura social da população é mais intensa, avançando nas camadas melhor situadas.

De fato, o crescimento da camada da população com padrão de vida de Alta Classe Média no período de 2009 a 2012 (quatro anos) é de 3.199 mil pessoas (5,3 % a.a.) contra 1.771 mil (2,3% a.a.) no período de 2003 a 2008 (seis anos).

Também na Média Classe Média o desempenho no período de 2009 a 2012 é mais favorável, com crescimento de 6.175 mil (5,9% a.a.) contra 4.893 mil (3,9% a.a.).

Mesmo na Baixa Classe Média, em que o crescimento relativo é um pouco mais baixo no período recente (4,9% contra 5,2% a.a.), a expansão média anual em termos absolutos é maior (3.582 mil contra 3.003 mil pessoas).

Na Massa Trabalhadora, enquanto no período de 2003 a 2008 ocorreu uma expansão de 11.673 mil (3,6% a.a.), como resultado da ascensão de parcela expressiva dos Miseráveis a esta camada, no período mais recente verifica-se uma retração de – 12.804 mil (- 5,7% a.a.) que provavelmente ascenderam para a Baixa Classe Média.

Por fim, apenas entre os Miseráveis o desempenho do primeiro período é nitidamente mais favorável, com retração de – 23.622 mil (- 13,0% a.a.) contra – 3.805 mil (- 5,7% a.a.) no período de 2009 a 2012.

Concluindo, e retomando as colocações iniciais, entendemos que a principal e importantíssima conquista no período recente foi a de, num cenário de crescimento mais baixo, evitar o retrocesso e continuar avançando na melhoria da estrutura social de maneira ainda mais intensa, reflexo do comportamento das oportunidades ocupacionais, com redução do desemprego e aumento dos rendimentos médios.

Entretanto, este é o retrato da “infraestrutura das classes sociais” não refletindo, necessariamente, uma melhora significativa das condições estruturais de vida, ainda marcadas profundamente pelas graves carências nas áreas sociais da saúde, educação, segurança, habitação, transporte e mobilidade, saneamento etc. E isto não só no setor público, mas também nas instituições privadas.

6 As condições vigentes no mercado de trabalho juvenil⁷

Comentamos anteriormente que a redução no desemprego juvenil tem sido reforçada pela evolução demográfica, com menor participação dos segmentos juvenis na população.

Vamos a seguir descrever este desempenho de forma um pouco mais detalhada.

(7) Uma versão resumida dos itens 6, 7 e 8 foi publicada com o título “A evolução do desemprego juvenil” na revista *Carta na Escola*, São Paulo, Editora Confiança, n. 84, p. 40-41, mar. 2014.

Iniciando pela evolução da população, a PNAD aponta um total de 190 milhões de pessoas em 2008 e 197 milhões em 2012, com um crescimento de sete milhões.

Já a participação dos jovens de 15 a 24 anos recua tanto em termos relativos como absolutos, passando de 17,7% (33,5 milhões) em 2008 para 16,7% (32,9 milhões) em 2012.

Por sua vez, o total de ocupados avança de 88,6 milhões em 2008 para 91,8 milhões em 2012, com um crescimento de 3,1 milhões.

Porém, tal como ocorreu em termos populacionais, os jovens de 15 a 24 anos também recuam em sua participação no total dos ocupados, passando de 19,5% em 2008 (17,3 milhões) para 17,6% (16,2 milhões) em 2012, com um expressivo decréscimo absoluto de 1,1 milhão.

Cabe então indagar sobre o significado desta queda no emprego juvenil. É sintoma de progresso social, em que jovens de famílias em melhores condições podem se dedicar a outras atividades até ingressarem no mercado de trabalho, ou de dificuldade em encontrar uma ocupação remunerada?

Para obter alguma indicação que nos auxilie a responder este questionamento é interessante examinar a evolução do desemprego juvenil.

Como já foi apontado, o desemprego total mantém sua queda, passando de 8,8 milhões em 2008 para 7,5 milhões em 2012.

Ainda que os jovens de 15 a 24 anos continuem a representar parcela muito expressiva do desemprego, eles caem de 46,6% do total em 2008 (4,1 milhões) para 45,2% em 2012 (3,4 milhões), com uma redução absoluta de 700 mil.

Constata-se assim que a queda no emprego juvenil não decorre de um agravamento no desemprego.

Por outro lado, cabe destacar que 55% da redução total do desemprego ocorrem nesta faixa etária! O que indica que o equacionamento do desemprego requer especial atenção para seu componente juvenil.

Como sabemos, a PEA é obtida pela soma das pessoas que estão ocupadas e daquelas que estão procurando ocupação (desempregados). Os que não buscam uma ocupação são considerados inativos e ficam fora da PEA.

Combinando o comportamento do emprego e do desemprego da faixa de 15 a 24 anos, verifica-se que a PEA juvenil recua de 22,0% do total em 2008 (21,4 milhões) para 19,7% em 2012 (19,6 milhões), com queda absoluta de 1,8 milhões.

O conjunto dos elementos examinados permite atribuir um significado positivo à nossa indagação inicial, em que a menor pressão para o ingresso precoce no mercado de trabalho aponta para melhores condições potenciais para o desenvolvimento juvenil em termos educacionais, culturais, esportivos, recreativos etc.

Ao mesmo tempo, menor pressão juvenil no mercado de trabalho significa melhores condições para os adultos disputarem as oportunidades geradas.

7 Estratificação Social dos Jovens Ocupados

Tal como ocorreu para o conjunto dos ocupados, verifica-se uma expressiva melhoria na estrutura social dos jovens ocupados: redução daqueles com padrão de vida de miseráveis e pobres e aumento dos que se encontram na situação de baixa classe média. É o que se apresenta na Tabela 26.

Tabela 26
Brasil: Ocupados na faixa de 15 a 24 anos

“Padrões de Vida”	2008 (em %)	2012 (em %)
Alta classe média	0,4	0,5
Média classe média	2,3	3,7
Baixa classe média	22,4	37,5
Massa trabalhadora (pobres)	45,0	38,5
Miseráveis	29,9	19,8
Total	100,0	100,0

A Tabela 27 reforça, em termos absolutos, que no período de 2009 a 2012 ocorreu uma dupla melhoria, pois numa situação de queda no desemprego, o total de jovens ocupados caiu em 1,1 milhão e 3,5 milhões saíram da condição de Miseráveis e de Massa Trabalhadora pobre.

Por sua vez, 2.175 mil ascenderam a um padrão de vida de Baixa Classe Média e 206 mil ao de Média Classe Média.

Tabela 27
Brasil – Evolução dos Ocupados na faixa de 15 a 24 anos

“Padrões de Vida”	2012 – 2008*
Alta classe média	10
Média classe média	206
Baixa classe média	2.175
Massa trabalhadora (pobres)	-1.552
Miseráveis	-1.976
Total	-1.138

* mil ocupados.

Para encerrar cabe apontar quais atividades econômicas geraram estas melhores oportunidades aos jovens.

8 Geração de Oportunidades para Jovens por Setor de Atividade Econômica

A Tabela 28 apresenta as principais atividades econômicas que criaram ocupações de Baixa Classe Média para jovens no período 2009 a 2012, destacando-se o Comércio e Reparação, Indústria de Transformação, Outras Atividades e Atividades mal Definidas e Construção Civil.

Tabela 28
Brasil – Evolução Setorial da Baixa Classe Média Juvenil

Baixa Classe Média	2012-2008*	%
Comércio e reparação	580	26,7
Indústria de transformação	339	15,6
Outras atividades e atividades mal definidas	245	11,3
Construção civil	241	11,1
Alojamento e alimentação	144	6,6
Educação, saúde e serviços sociais	141	6,5
Transporte, armazenagem e comunicação	118	5,4
Sub Total	1.690	77,7
Total	2.175	100,0

* mil ocupados.

No que se refere às novas oportunidades ocupacionais juvenis com padrão de Média Classe Média, a Tabela 29 revela que os destaques setoriais ficam com Outras Atividades e Atividades mal Definidas, Educação, Saúde e Serviços Pessoais, Comércio e Reparação e Administração Pública.

Tabela 29
Brasil – Evolução Setorial da Média Classe Média Juvenil

Média classe média	2012-2008*	%
Outras atividades e atividades mal definidas	40	19,3
Educação, saúde e serviços sociais	28	13,6
Comércio e reparação	27	13,0
Construção civil	26	12,7
Administração pública	24	11,6
Transporte, armazenagem e comunicação	12	6,0
Sub Total	157	76,2
Total	206	100,0

* mil ocupados.